

As contribuições do livro *Banzeiro Òkòtó* para pensar o Jornalismo¹

Josué Ângelo Gris²

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Partindo da urgência em discutir caminhos narrativos para fazer jornalismo em tempos de emergência climática, este trabalho se desenvolve para compreender as contribuições do jornalismo ambiental para pensar o jornalismo como um todo. O livro *Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, de Eliane Brum, é o hospedeiro da discussão proposta e é onde estão possíveis respostas às questões levantados, a partir da análise de narrativa. O jornalismo ambiental, a partir da leitura de *Banzeiro*, é exemplo de um jornalismo que faz documento e evidencia a responsabilidade em documentar ambientes emergentes e alternativos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Ambiental; Narrativa; Livro de repórter; Amazônia;

CORPO DO TEXTO

Não vejo o mundo sem a função desempenhada pelo jornalismo, enquanto tentativa de organizar a realidade e como documentarista da atualidade. A atuação de parte do jornalismo atual é questionável, principalmente se considerarmos sob quais condições e modelos financeiros está posto.

Mesmo sabendo da emergência para compreendermos o mundo em crise climática no qual vivemos, pautar assuntos ambientais não é unanimidade nas redações - quem dirá receber espaço e investimento para conduzir um trabalho em profundidade -, mas há exceções. Livros-reportagem e livros de repórter aparecem como opção aos profissionais do jornalismo. Pode-se dizer, no entanto, que escolher pautar o meio ambiente por meio de livros é paradoxal, pois são conteúdos de extrema urgência para o combate às mudanças climáticas que serão apresentados em um material maior que uma ou duas páginas de revista, assim demandando tempo para leitura e interpretação.

Como parte do processo de mudança, é preciso dedicar-se a abordagens de pautas variadas, a fim de trazer luz às diferentes perspectivas sobre determinado assunto. Em

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Perspectivas contemporâneas de pesquisa a partir do Jornalismo Ambiental”, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024. Íntegra do trabalho está disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/30989>.

² Acadêmico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. E-mail: josue.angelo@acad.ufsm.br.

trilhos diferentes, porém semelhantes, Sônia Guajajara, em sua transmissão de cargo para ministra do Ministério dos Povos Indígenas, no dia 11 de janeiro de 2023, afirmou que o ministério chega comprometido com “a promoção de uma política indígena, não mais uma política indigenista”, ou seja, não mais apenas uma política para indígenas, mas uma política feita para indígenas e por indígenas. Os espaços de protagonismo clamam por mudança.

Não se pode ignorar a urgência de encontrar maneiras de narrar o ambiente. A causa ambiental já não é mais uma discussão apenas para intelectuais ou ambientalistas, mas para toda a humanidade, inclusive com relação à fauna, flora e demais espécies do ecossistema. Considero que há diversos modos de narrar bem sucedidos, outros nem tanto, contudo, é nosso dever compreender efeitos e infiltrações necessários para alcançar o que se propõe.

As propostas de pesquisar sobre o jornalismo ambiental e de ter um livro de repórter como objeto de análise surgem de uma inquietação pessoal. Desde o início da graduação, principalmente após as disciplinas de reportagem, me incomodava o fato de a maioria dos repórteres autores das matérias ambientais - publicadas em veículos tradicionais, principalmente da região sudeste - serem profissionais que não viviam no local de apuração, mas apenas deslocavam-se por período determinado para produção do conteúdo. Mais recentemente, me cativa compreender a importância do jornalismo ambiental feito por jornalistas imersos no local de apuração, e que, conseqüentemente, têm a possibilidade de produzir conteúdos de maior qualidade, como contribuição ao jornalismo em geral.

Assim, acreditando na possibilidade de, pelo menos, adentrar no debate em torno do jornalismo ambiental de imersão em paralelo ao jornalismo diário, é que confio em *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (2021) como um livro que nos aproxima de um fazer jornalístico possível, considerando o cenário pelo qual vivemos. A autora é a jornalista Eliane Brum, que já viveu em, pelo menos, dois lados do jornalismo: do jornalismo diário - em jornais, como o *Zero Hora* -, e, agora, em imersão, no espaço que move suas narrativas. Brum, em *Banzeiro*, se permite unir diversos recortes da Amazônia.

É um livro do que chamamos de jornalismo ambiental, que aborda passado, presente e futuro - mas de forma alternativa ao convencional. Temos o *passado* enquanto explicação ao cenário atual; explicação àquilo que aconteceu anteriormente e que

permanece na atualidade por meio de suas consequências. O *presente* não está como uma denúncia de jornalismo diário que repercute e recebe providências nos dias seguintes, mas mais aprofundado - é tido em formato de denúncia, sim, mas é mais documento que denúncia. E o *futuro* aparece enquanto previsões - por mais que o jornalismo (em geral) não esteja acostumado a falar de previsões, entretanto, acredito que chegou o momento de nos basearmos no modo de fazer jornalismo ambiental, em que as alternativas são postas à mesa.

A obra permite o/a leitor/a viajar entre diversos mundos e acessar outras visões de mundo. Nela, o jornalismo é entendido para além das pautas rotineiras e dialoga com uma linguagem diferente da tradicional, afinal, para além da escrita inclusiva adotada por Brum, a autora busca dar nome às coisas: *humanes, mais-que-humanes, gafanhotos da amazônia, entres da floresta, povos-floresta, rios voadores, altamiracles, translíngue*, etc.

A monografia que originou este resumo - apresentada e aprovada em dezembro de 2023 - tem por objetivo compreender quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo - para além da reportagem, alcançando, quem sabe, alternativas éticas de produção de um jornalismo para tempo de emergência climática e ambiental.

Procedimentos Metodológicos

Segundo Bruno Leal (2022), a imagem do cotidiano, nos estudos em Comunicação, é relacionada aos acontecimentos. A noção de acontecimento, por sua vez, é aquilo que é excepcional. Dessa forma, entende-se as situações corriqueiras - cotidianas - como sendo amorfas, habituais, a partir das quais não se produz nada de relevante a ponto de ser noticiado. Na direção contrária, algumas outras perspectivas, ainda segundo Leal (2022), apontam que “cotidiano” não é sinônimo de “banal”. Tendo em consideração que o cotidiano é uma construção cultural, pode-se dizer que há um sentido contido naquilo que entendemos como “banal”, naquilo “que não precisa ser noticiado por ser algo natural”. Quem se beneficia com a naturalização de alguns fatores pode ser tema para outra discussão. No momento, focamos na ideia de que há sentido carregado naquilo a que estamos acostumados e nos passa despercebido. Brum é uma das exceções que voltam seus olhares para o “banal”.

A partir das noções em torno da construção das narrativas e aliado ao trabalho de Eliane Brum em seu modo de fazer jornalismo, analiso o livro da repórter, *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, para compreender como a jornalista-autora constrói sua narrativa, enquanto constituinte de realidade. Para tal tarefa, li o livro em questão na sua íntegra, passando três vezes por todas as suas 382 páginas. Como maneira de organizar meus destaques, sublinhei trechos e os dividi por categorias com auxílio das cores azul, verde e rosa. Nem todos os trechos selecionados foram levados para dentro da análise, mas foram cruciais para estimular as reflexões que surgiram a partir da leitura. Os resultados da análise estão organizados no trabalho integral. A partir de *Banzeiro*, é possível construir análises sobre 1) jornalismo, linguagem e comunicação (para tratar dos comentários feitos pela autora ao longo da obra sobre a atuação jornalística); 2) a autora como personagem (para refletir sobre a participação da repórter nos acontecimentos narrados); e 3) a narrativa e caminhos possíveis (a fim de identificar mecanismos alternativos de narração).

O trabalho que originou este resumo expandido compreende as três classificações indicadas acima e detalha cada uma delas com tabelas e discussões a partir dos trechos selecionados ao longo do livro. A seguir, uma breve síntese dos resultados alcançados.

Considerações Finais

O jornalismo ambiental brasileiro tem o conflito em sua essência. É fruto da união de ambientalistas da região amazônica a representantes de órgãos oficiais e cientistas como uma alternativa de resistência à ditadura civil-militar, a partir dos anos 1960. Até hoje, permanece com tal essência intacta, apenas com algumas variações e peculiaridades de cada tempo. A particularidade de nosso tempo - duas décadas e meia do século 21 - é a emergência climática. Já ultrapassamos o ponto de vivermos sem consequências ou que as mudanças ambientais aconteceriam no futuro distante. Agora, a luta é para que os prejuízos sejam menos piores. Eles vão existir, isso é certo. Já estão existindo. Enquanto temos a opção da escolha, resta escolher o quanto queremos um ambiente menos pior. Para muitos pensadores, como Enrique Leff (2022), mais do que uma crise ambiental, estamos em meio a uma crise de conhecimento, resultado de estratégias de poder.

Considero o atual momento propício para repensar o jornalismo. Estamos em contexto de mudança constante. Precisamos nos adaptar às condições sanitárias, financeiras

e climáticas, e, por isso, repensar nosso cotidiano é um movimento necessário. Assim, aproveitando que já houve um início de redefinições, o jornalismo deve aproveitar a oportunidade e mergulhar no diálogo com seus públicos, por mais que nunca tenha se distanciado de fato - apesar das relações de poder e os interesses envolvidos na comunicação.

Tendo realizado a leitura de *Banzeiro Òkòtó*, fui instigado a refletir os fazeres jornalísticos e me surgiram algumas questões: é possível, alguém de fora do ambiente, descrever o cenário do ambiente sem nunca ter estado no local anteriormente, dependendo, assim, do relato das fontes? Quais pautas e perspectivas devem ser abordadas? Como saber quem deve ser ouvido? Quem define quem será ouvido? Enquanto profissional, qual estilo de narração será escolhido? Qual o papel do ambiental no processo de repensar o fazer jornalístico? Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo - para além da reportagem, alcançando, quem sabe, alternativas éticas de produção de um jornalismo para tempo de emergência climática e ambiental.

Eliane Brum não se omite do debate no jornalismo e subverte a linguagem tradicional, que costuma se limitar à imparcialidade e à impessoalidade das palavras. A autora trabalha com a intensidade da palavra e experimenta termos *não oficiais*, como “pinto”, “buceta”, “cu”, “vadia”, “puta” e “vagabunda”, termos que nos causam impacto e que praticamente todo seu público leitor conhece tais definições, diferentemente da relação do público com alguns termos técnicos e/ou rebuscados. Ao mesmo tempo, Brum faz do jornalismo ambiental espaço para discutir a linguagem e causar o impacto que a emergência ambiental pede há tempos.

A sensação de que Eliane Brum possui uma escrita preocupada com quem lê é recorrente ao longo da obra. A autora busca estabelecer um lugar comum com seu público, por isso da importância de descrições ricas em detalhes. Considerando a distância do público em geral às pautas ambientais, o jornalismo desempenha papel ainda mais trabalhoso que em outras áreas (onde o público já está aproximado), afinal, no ambiental, ainda é preciso “naturalizar” o público “estranho” [à temática]. Por fim, vale destacar a evidência de um árduo trabalho de apuração, para além da estética narrativa e suas conexões com o público.

Agora, dedico a página final em buscar caminhos que contemplem uma das perguntas que movem este trabalho: “quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo?”.

Um jornalismo que reconhece o *outro* demanda proximidade e interesse pela pauta. As pautas que serão trabalhadas podem ser melhor escolhidas se com repórteres imersas/os no local de apuração. A escolha das fontes passa muito por exercícios de observação. O jornalismo tradicional pode deixar de ser tradicional e aderir mais intensamente alternativas de pauta e de narrativa, variando seus estilos. O jornalismo ambiental é fonte de referências e de caminhos possíveis ao jornalismo como um todo.

Como propõe Djamila Ribeiro (2021, p. 64), “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”. O jornalismo pode devolver o direito à existência aos públicos invisibilizados pelo sistema ainda colonialista, afinal, são essas comunidades e modos de vida atacados que podem nos fornecer alternativas de resistência ao fim do mundo, para além de comunicação, mas nos aproximando de como viver dignamente, sem a necessidade incansável de consumo que nos foi implantada, enquanto sociedade em geral.

O jornalismo, para além de preencher o quebra-cabeça informativo diário, é documento. Documento enquanto prova de denúncia e enquanto registro para o futuro conhecer seu passado. Todo documento tem sua validade e, enquanto jornalistas, é preciso trabalhar com a precisão nos registros. É preciso muitas coisas. Apuração. Conhecimento prévio. Estratégias. Relações. Caminhos. Responsabilidade. *Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* é tudo isso, mas é, acima de tudo, documento - que tem validade. Validade para denunciar, para registrar e para nos ensinar sobre um fazer jornalístico alternativo, a partir de olhares que valorizam a pauta ambiental.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. *Banzeiro òkòtó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021;

LEAL, Bruno Souza. *Introdução às narrativas jornalísticas*. Porto Alegre: Sulina, 2022;

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental / Enrique Leff*; tradução de Sandra Valenzuela; revisão técnica de Paulo Freire Vieira. 4 ed. - São Paulo: Cortez, 2006;

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2021.